

PLANTAS MEDICINAIS E OS DIÁLOGOS ENTRE CONHECIMENTOS POPULAR E CIENTÍFICO

Maiara Moraes da Rosa[1]

Annie Mehes Maldonado Brito[2]

Círculo de Saber 03: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo: Este estudo investiga os diálogos entre o conhecimento popular e o científico sobre o uso de plantas medicinais no Assentamento Nossa Senhora de Fátima, em Piratini/RS. A pesquisa qualitativa utilizou entrevistas semiestruturadas com três moradoras, denominadas por nomes fictícios, preservando sigilo. O objetivo foi compreender como práticas tradicionais de cuidado, transmitidas oralmente de geração em geração, dialogam com a ciência. As entrevistadas relataram usos cotidianos das plantas em chás, xaropes, pomadas e alimentação, principalmente para tratar gripes, resfriados, distúrbios digestivos, hipertensão e diabetes. Entre as espécies mais mencionadas destacam-se alecrim, marcela, guaco, hortelã, sálvia, pata-de-vaca e cidreira. A transmissão do saber ocorre sobretudo pela via materna, conferindo identidade cultural e afetiva ao conhecimento. O estudo aponta que, embora as participantes reconheçam a importância da medicina convencional, valorizam a autonomia e a proximidade cultural das práticas tradicionais. O trabalho enfatiza que o diálogo entre os saberes não deve ser hierarquizado, mas articulado em conexões parciais, valorizando ambas as formas legítimas de conhecimento. O trabalho conclui pela necessidade de políticas públicas e ações educativas que promovam uso seguro e racional das plantas, garantindo práticas de cuidado integradas, eficazes e culturalmente sensíveis.

Palavras-chave: Plantas medicinais, Conhecimento popular, Diálogo de saberes.

Introdução

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo, por meio do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Plantas Medicinais e os Diálogos entre Conhecimentos Popular e Científico". O estudo aborda a relevância das plantas medicinais e a interação entre o saber popular e o conhecimento científico no contexto do Assentamento Nossa Senhora de Fátima.

O tema central da pesquisa reside na investigação das práticas tradicionais de saúde baseadas em plantas medicinais e sua interface com o saber científico formal. A autora, Maiara Moraes da Rosa, moradora do Assentamento Nossa

[1]Licenciada pelo Curso Educação do Campo – UNIPAMPA – Campus Dom Pedrito. E-mail: maiararosa.aluno@unipampa.edu.br.
[2]Docente do Curso Educação do Campo – UNIPAMPA – Campus Dom Pedrito. E-mail: anniebrito@unipampa.edu.br.



Senhora de Fátima, partiu de seu próprio interesse e vivência com o uso de chás desde a infância, o que motivou o desenvolvimento deste trabalho.

O problema de pesquisa que norteia o estudo é: "quais as relações dos conhecimentos populares e conhecimentos científicos sobre o uso das plantas medicinais no Assentamento Nossa Senhora de Fátima, no município de Piratini?" Esta questão busca desvendar como esses dois universos de conhecimento se encontram, se complementam ou divergem na realidade local.

O objetivo geral do trabalho é relacionar os conhecimentos populares e os conhecimentos científicos sobre o uso das plantas medicinais no Assentamento Nossa Senhora de Fátima, no município de Piratini.

A justificativa para a realização desta pesquisa reside na constatação de que as plantas medicinais são amplamente utilizadas na comunidade para prevenção e tratamento de doenças, sendo um saber transmitido entre gerações. A compreensão dessas práticas e a comparação com os benefícios científicos podem trazer informações valiosas sobre a dosagem correta, contraindicações e riscos, beneficiando diretamente os moradores e promovendo um uso mais seguro e racional dessas plantas. Além disso, o estudo contribui para valorizar e legitimar o conhecimento popular, que muitas vezes é marginalizado em detrimento do saber científico. Desse modo, este trabalho insere-se no campo da Educação do Campo, valorizando a memória cultural e os saberes tradicionais em diálogo com a ciência.

Metodologia

A metodologia empregada neste estudo caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, que permitiu aprofundar-se nas experiências e percepções das participantes sobre o uso de plantas medicinais.

A pesquisa foi realizada no Assentamento Nossa Senhora de Fátima, também conhecido como Ferraria, localizado no 2º distrito do município de Piratini, no Rio Grande do Sul, conforme figura 1. Este assentamento conta atualmente com aproximadamente 19 famílias, que vivem predominantemente da agricultura familiar. O local possui uma sede comunitária, com igreja católica, salão e cozinha, além de um campo de futebol e um cemitério.



Figura 1: Localização do município de Piratini no Rio Grande do Sul



Figura 2: Localização do município de Piratini com destaques aos distritos

Figura 1 - Localização do município de Piratini no Rio Grande do Sul

As participantes da pesquisa foram três moradoras do assentamento, referidas no trabalho por nomes fictícios (Margarida, Rosa e Jasmim) para garantir seu sigilo e anonimato. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um número limitado de participantes visando aprofundar a compreensão dos fenômenos investigados.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. A análise dos dados coletados foi realizada utilizando a técnica de análise de conteúdo, que permitiu identificar padrões, temas e categorias emergentes nas falas das participantes. O foco da análise foi salientar o diálogo entre as participantes, buscando as aproximações e os distanciamentos em relação às suas vivências com as plantas medicinais.

A pesquisa buscou, assim, não apenas registrar os conhecimentos das moradoras, mas também entender a dinâmica da transmissão desse saber e as percepções sobre a relação entre as práticas populares e a medicina convencional.



O diálogo entre os conhecimentos

Os resultados da pesquisa revelam a centralidade das plantas medicinais no cotidiano de saúde das mulheres do Assentamento Nossa Senhora de Fátima. Essas plantas são empregadas principalmente na forma de chás e xaropes, sendo utilizadas para tratar uma variedade de condições, como gripes, resfriados, distúrbios digestivos, hipertensão e diabetes. Entre as espécies mais citadas pelas moradoras destacam-se:

- Alecrim: frequentemente utilizado como digestivo e para alívio de dores de cabeça.
- Marcela: conhecida por suas propriedades calmantes e digestivas.
- Guaco: comum no tratamento de problemas respiratórios.
- Hortelã: usada para dores de barriga e problemas digestivos.
- Sálvia: apontada para dores de garganta e gripes.
- Pata-de-vaca: citada no controle do diabetes.
- Cidreira: utilizada para acalmar e aliviar dores de cabeça.
- Folha de goiaba: para diabetes e dores de barriga.
- Folhas de laranja, bergamota e lima: frequentemente incluídas em xaropes e chás para resfriados e para acalmar.
- Tanchagem: utilizada na produção de pomadas caseiras para feridas.
- Pitangueira: para dor de barriga.
- Terramicina: para dores de barriga e para as galinhas.
- Cavalinha: para problemas de saúde diversos.
- Ameixa (folha da ameixinha): para garganta.
- Roma: para dor de barriga.
- Ponta-alívio: para dor de cabeça.

Além do uso medicinal, observou-se a incorporação dessas plantas em práticas preventivas, como o fortalecimento da imunidade através do consumo regular de chás e a inclusão de plantas no chimarrão e na alimentação diária. A preparação de xaropes caseiros, com a combinação de diversas plantas e frutas, como limão e



laranja, também foi uma prática recorrente, demonstrando a riqueza do conhecimento empírico.

Um ponto crucial dos resultados é a forma de transmissão do conhecimento: ele ocorre predominantemente pela via oral, com a figura materna sendo a principal referência. As falas das participantes, como "Ah, eu aprendi com a mãe, a mãe lutava com os chás..." e "Olha, aprendi a maioria com a minha mãe", reforçam a dimensão cultural e afetiva desse saber, que é passado de geração em geração e repassado para filhas(os), amigas(os) e vizinhas(os).

A fundamentação teórica do trabalho apoia a ideia de que o diálogo entre saber popular e saber científico não deve ser hierárquico, mas sim pautado em conexões parciais, reconhecendo a legitimidade de ambos como formas de conhecimento válidas. O conceito de “conexões parciais” possibilita compreender os encontros entre saberes de naturezas distintas. Segundo a autora, ainda que haja resistência da ciência em reconhecer integralmente o valor dos saberes populares, existem pontos de articulação possíveis. O reconhecimento científico das propriedades terapêuticas de determinadas plantas – hoje utilizadas na produção de medicamentos e fitoterápicos – exemplifica essas conexões. Tais articulações não eliminam as diferenças entre os saberes, mas abrem espaço para diálogos produtivos e respeitosos, promovendo soluções mais integradas e culturalmente sensíveis (De la Cadena, 2020).

A obra de Toledo e Barrera-Bassols (2015) também contribui para a reflexão ao distinguir conhecimento e sabedoria. Enquanto o conhecimento científico se baseia em leis, teorias e explicações sistemáticas, a sabedoria tradicional é adquirida pela vivência direta e pela intimidade com a natureza. Os autores ressaltam que o conhecimento científico é impessoal e formalizado, enquanto a sabedoria popular é pessoal, empírica e enraizada em práticas culturais. Essa diferença não deve ser vista como oposição, mas como formas distintas de produzir e aplicar saberes. Nesse sentido, a sabedoria camponesa se apresenta como uma prática viva, profundamente ligada à experiência cotidiana, ao território e às relações comunitárias. Assim, a memória biocultural (Toledo & Barrera-Bassols, 2015) explica como práticas e saberes tradicionais estão profundamente vinculados ao território e às relações comunitárias, reforçando a importância de políticas públicas que

garantam a continuidade dessas práticas. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Brasil, 2006) e a Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional (2014–2023) destacam a necessidade de integração segura, eficaz e culturalmente respeitosa entre práticas populares e sistemas oficiais de saúde

Na pesquisa intitulada Utilização de plantas medicinais como ferramenta de estímulo para o resgate de cultura e qualidade de vida, de Viana e Ramos (2019), apontaram dois trabalhos citados que obtiveram resultados semelhantes tanto no que diz respeito ao gênero quanto a idade das pessoas que se utilizam das plantas medicinais:

> Marinho, Silva e Andrade (2011), e Amir, Santos e Beinner (2005) afirmaram que mulheres utilizam mais as plantas medicinais do que os homens, e demonstraram também que a idade se mostrou como um fator significativo no saber popular das plantas medicinais.

O trabalho teve como objetivo realizar o resgate do conhecimento popular sobre o uso das plantas medicinais e analisar as condições individuais que influenciam no uso da medicina alternativa por pacientes da Clínica Vitalidade do Centro Universitário São Lucas. Foi aplicado questionários semiestruturados, aos que possuíam conhecimento e/ou utilizavam plantas medicinais.

Viana e Ramos (2019) aplicaram 51 questionários, sendo a maioria mulheres que têm mais conhecimentos sobre as plantas medicinais e as informações das plantas medicinais foram obtidas pelos nomes populares. Considerando que o uso de plantas medicinais muitas vezes está relacionado ao cuidado em saúde, é esperado que essa prática social seja desenvolvida, com predomínio, por mulheres, já que a elas é delegado tudo que se refere a cuidar. Tal qual nesta pesquisa, reforçando não apenas a dimensão cultural, por meio da transmissão oral, mas também o papel de gênero na preservação e circulação dos saberes. Esse aspecto conecta-se à noção de memória biocultural (Toledo & Barrera-Bassols, 2015), pois as mulheres atuam como guardiãs de práticas enraizadas no território e na vida comunitária.

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Decreto nº 5.813/2006) foi referência importante nesta pesquisa. Este decreto incentiva o uso seguro e racional das plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo a integração

entre as práticas populares e o sistema de saúde convencional. A Política Nacional busca valorizar a biodiversidade brasileira e o conhecimento tradicional, ao mesmo tempo em que promove a pesquisa científica e a regulamentação para garantir a segurança e eficácia. Em convergência, a Estratégia Global para a Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa 2025–2034, destaca a importância de sistemas integrados, segurança, qualidade e acesso equitativo, valorizando o papel das medicinas tradicionais e complementares na atenção em saúde sem hierarquização entre saberes. Além disso, promovem a integração dessas práticas aos sistemas de saúde de modo culturalmente respeitoso e centrado nas pessoas. A leitura por “conexões parciais” alinha-se a esse horizonte: preservar diferenças epistemológicas, reconhecer legitimidades e construir traduções práticas que evitem hierarquias totalizantes entre saberes.

As participantes da pesquisa, embora confiem profundamente nas práticas tradicionais, também reconhecem a importância da medicina convencional, buscando atendimento médico quando necessário. Isso evidencia uma abordagem pragmática e integrada à saúde, onde o conhecimento tradicional e o científico coexistem e se complementam.

Conclusão

O trabalho conclui que o objetivo de relacionar os conhecimentos populares e científicos sobre o uso de plantas medicinais no Assentamento Nossa Senhora de Fátima foi atingido com sucesso. As "Flores" da comunidade (termo carinhoso utilizado para se referir às participantes) demonstraram possuir um vasto e valioso saber prático sobre as plantas medicinais, construído e transmitido oralmente no cotidiano.

Constatou-se um forte enraizamento dessas mulheres com seu território, manifestado pelo vínculo com a terra e pela utilização das plantas medicinais. Embora as práticas com plantas sejam uma forma essencial de cuidado à saúde, as moradoras não abandonam o conhecimento científico da medicina moderna, recorrendo a ele quando o tratamento caseiro não surte o efeito desejado. Isso

reflete uma integração entre os saberes, onde a autonomia e a identidade cultural são preservadas sem desprezar os avanços científicos.

A pesquisa reitera a necessidade de que o diálogo entre o saber popular e o científico seja ampliado e respeitoso, não seguindo uma lógica hierárquica, mas sim de complementaridade. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e a Estratégia Global para a Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa 2025-2034 é um instrumento importante que apoia essa integração, assegurando o acesso seguro e o uso racional das plantas.

Finalmente, o estudo aponta para a essencialidade de ações educativas que promovam a informação sobre o uso correto das plantas, suas dosagens, contraindicações e possíveis riscos. O objetivo é garantir que as práticas de cuidado sejam cada vez mais integradas, seguras e culturalmente sensíveis, permitindo que a comunidade continue a se beneficiar de seus conhecimentos tradicionais de forma consciente e eficaz. Reforça-se, portanto, a recomendação de ações educativas e interinstitucionais que promovam informação sobre uso correto, dosagens e contraindicações, alinhadas às diretrizes da OMS, garantindo práticas culturalmente sensíveis e integradas ao SUS.

Referências bibliográficas

AMIR, M.; SANTOS, R.; BEINNER, M. Plantas medicinais e gênero: práticas populares em saúde. 2005.

BRASIL. Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

DE LA CADENA, M. Conexões parciais: saberes e a antropologia dos encontros. 2020.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A Memória Biocultural. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VIANA, R.; RAMOS, C. Utilização de plantas medicinais como ferramenta de estímulo para o resgate de cultura e qualidade de vida. 2019.



MARINHO, L.; SILVA, A.; ANDRADE, J. Mulheres e o uso de plantas medicinais: fatores socioculturais. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Estratégia global para a medicina tradicional, complementar e integrativa 2025-2034.* Genebra: OMS, 2024.